

Francisca Julia e Julio da Silva

Alma Infantil

(Versos para uso das escolas)

*(Monologos, Dialogos, Recitativos, Scenas escolares,
Hymnos e Brincos infantis)*



EDITORA
LIVRARIA MAGALHÃES
S. Paulo e Rio de Janeiro

Sociedade Anonyma Editora "Livraria Magalhães"

- MANUAL DO CONDUCTOR DE AUTOMOVEIS**, theorico e pratico do automobilista, por um . . .
Contendo a descripção minuciosa das machinas indispensaveis de electricidade, machina e Magnetos de induzido movel, magneto Simmes-Baduzido fixo; systemas Fiat — Renault — Mercedes-trich, etc., etc
volumenitidamente impresso com 136 paginas
tas gravuras.
- Fabricante de licores (Manual do) e bebidas modernas** . . .
taberneiro e licorista, grosso volume nitidament
presso
- Dança, (Manual da) methodo facil para aprender a danç**
professor. Nova edição correct e augmentada
a explicação clara e facil de todas as marcas, figur
pos, passos, posições da polka, mazurka, varsovian
tisch, valsa, galop, lanceiros imperiaes, quadrilhas
zas, caçadores da rainha, etc., volume
- Pintor, (Manual do) obra pratica, contendo os segred**
a preparação das tintas, oleos, vernizes de todas a
dades, collas, etc. Maneiras de pintar a oleo, á col
além de innumeradas e economicas receitas antigas e
nas, para pinturas externas, internas, dourar a oleo
lhos de vidro e imitação de marmores e madeiras
e vernizes impermeaveis, esmaltes, collares, esp
argamassas, etc., volume com gravuras
Cartonado
- Perfumista, (Manual do) collecção de processos e rec**
a fabricação de perfumes e sabões, contendo m
formulas nacionaes e estrangeiras dos mais co
perfumistas e fabricantes ácerca de vinagres, elixi
aguas perfumadas, pomadas, modos de tingir cab
bricação de sabonetes, etc., 1 volume ornado d
ras, em brochura
Cartonado
- Etiqueta (Manual da) ou arte de saber viver, cont**
as regras da civilidade e etiqueta adoptadas nos
theatros, reuniões, sociedades, passeios, jantares
funeraes, etc. Livro indispensavel a todas as cam
ciaes para bem saber viver com todas as pessoas
niosamente, volume

ALMA INFANTIL

Francisca Julia e Julio da Silva

Alma Infantil

(Versos para uso das escolas)

(Recitativos, monologos, dialogos, comedias escolares,
brincos infantis, hymnos)

1912

Editora: "Livraria Magalhães"

Rua da Quitanda, 5-A
S. Paulo

||

Rua Julio Cesar, 59
Rio de Janeiro

AO GRANDE MESTRE

Vicente de Carvalho

Os auctores

PREFACIO

Dou-me por feliz em poder oferecer agora ás escolas do Estado este livro de versos dos poetas irmãos d. Francisca Julia e dr. Julio Cesar da Silva. A primeira já teve a sua consagração entre os nomes de mais brilho da literatura nacional com a publicação dos Marmores e das Esphinges, obras parnasianas que causaram o mais ruidoso successo.

Não colhe para aqui dizer dos meritos literarios dessa escriptora que a mais alta critica unanimemente consagrou. Revelou-se tambem como auctora didactica dando a lume, ha alguns annos, um volume em prosa e verso com o titulo Livro da Infancia, que foi publicado por conta do governo do Estado, e que, desde então, ficou vulgarisado em todas as escolas.

Do dr. Julio Cesar da Silva, que é a primeira vez que se apresenta como poeta didactico, nada temos a dizer senão o que os cultores das boas letras já sabem, isto é, que é um nome feito e cuja reputação já vem de vinte annos atraz.

O presente volume, Alma Infantil, apesar de pequeno, mas utilissimo e substancioso, vem preencher uma grande lacuna. Nenhum dos trabalhos de que se compõe é superfluo. E todos contem, além de um flagrante interesse anecdotico, uma edificante lição de moral. E' uma collecção de monologos, dialogos, recitativos, comedias escolares, hymnos e brinços infantis, e todas essas composições são feitas de modo a prender não só, pelo maximo cuidado da fórma do verso e pela elegancia da factura, o interesse dos cultivadores das letras, como, pela linguagem facil e correntia, a curiosidade das creanças. E essa alliança é que torna esta obrasinha superiormente interessante.

As nossas escolas do Estado estão invadidas de livros mediocres. A maior parte delles são escriptos em linguagem incorrecta onde, por vezes, resalta o calão popular e o termo chulo. Esses livros pois, em vez de educar as creanças, guiando-lhes o gosto para as cousas bellas e elevadas, vicia-as desde cedo, familiarisando-as com as fórmas dialectaes mais plebéas.

Verdade é que poucos dos nossos escriptores didacticos, pouquissimos mesmo, têm, fóra dessa especialidade, uma solida reputação nas letras.

Quasi todos são mais ou menos amadores. Entre estes ha-os que têm talento, sem duvida, mas a quem faltam qualidades que só têm os artistas.

O presente volume, porém, satisfaz a todas as exigencias. E' rigorosamente didactico, falando de perto á alma da infancia, e é, ao mesmo tempo, uma obra d'arte.

O editor

O ninho do beija-flor

Edméa, certa manhã,
Inço ao pomar, sorrateira,
Para colher á macieira
A appetecida maçã,

Entre dois galhos franzinos
Occultos, viu — que primor! —
Um ninho de beija-flor
Com dois ovos pequeninos.

Chegou-se mais para o ver,
E, porque não visse ainda
Coisa tão fina e tão linda,
Bateu palmas de prazer.

Nada de certo ha que exceda
Em primor e perfeição
A esse ninho de algodão
Forrado de paina e seda.

Mal occultos no frouxel
Os ovos olha e examina:
Têm a casquinha tão fina
Como a uva moscatel.

Que vivo desejo a abraza
De o ninho poder furtar!
Mas deixa-o em seu logar
E volta emfim para casa.

« Se o furtar, — pensa — que dor,
Que angustiosa agonia
Ha de soffrer todo o dia
O pobre do beija-flor! »

E foi-se, deixando o ninho,
Sem de leve lhe tocar,
Naquelle mesmo logar
Onde o fez o passarinho.

Assim procede o christão
Que dos seus actos se preza.
E Edméa, a par da belleza,
Tem muito bom coração.



A aranha e a mosca

Uma aranha, a muito custo,
Com cuidado tece e enleia
Os fios da sua teia
Entre os galhos de um arbusto.

Da teia fina entre as pautas
Occulta a um canto se ageita
E fica encolhida á espreita
Das borboletas incautas.

Parece a teia um adorno
Entre os dois galhos tecido ;
Um bezouro, num zumbido,
Anda revoando-lhe em torno.

Pensa a aranha: « A presa é boa.»
E o bezouro descuidado
Quasi ás vezes é apanhado,
Mas bate as azas, e vôa.

Pousada num galho, acima,
A mosca esperta acompanha
Com a vista os gestos da aranha,
Mas d'ella não se aproxima.

A mosca é velha, e, á cautela,
Diz estas coisas consigo :
«Aquella aranha é um perigo,
Não me chego perto d'ella.»

Receiosa da armadilha,
Soltando o vôo, abre a aza
E volta depressa á casa
A prevenir sua filha ;

E á filha diz que receia,
Receia muito essa aranha
Que as pobres moscas apanha
Nos fios da sua teia.

« — Não vás lá, filha querida,
Quem te fala e te aconselha
Sou eu, que sou mosca velha.
Não vás lá, que estás perdida.»

Dado o conselho, annuncia
Que em vôo ligeiro parte
A buscar em outra parte
O sustento do seu dia.

Pensa porém a mosquinha
Possuir também olho esperto:
Quer ver a aranha de perto,
E da teia se avizinha.

— Que linda casa em que vives! »
Diz ella. « Parece loura
No raio de sol que a doura,
Parece uma obra de curites! »

« Minha casa é sem abrigo,
De construcção muito tosca
Palavra de honra de mosca,
Quizera viver contigo !

« Creio bem que não te negas
A viver em sociedade
Com a minha estreita amizade
Como excellentes collegas.»

Curiosa, em vôo erradio,
Vencida emfim de quebranto,
Ella approxima-se tanto
Que prende as patas num fio.

A aranha então, num disfarce,
Atira o laço em que enrosca
As seis perninhas da mosca,
Que tenta em vão escapar-se.

Presas as patas, vencida,
Triste, emquanto a morte espera,
Lembra-lhe o que a mãe dissera,
Chorando de arrependida :

« Foge da aranha, filhinha,
Quem te fala e te aconselha
Sou eu, que sou mosca velha. »
Infortunada mosquinha !

Se é inútil o teu intento,
Se é baldado o teu esforço,
Que vale agora o remorso ?
Que vale o arrependimento ?



O garoto e o mestre-escola

A mãe de Alfredo soffria
Dissabores e torturas
Por causa das travessuras
Que elle fazia.

Sujo, magro, o fato roto,
Ignorante e analphabeto,
Elle era um typo completo
Do máo garoto.

Era de indole travessa,
De gostos ruins e caprichos :
Deixava até nascer bichos
Pela cabeça.

Prompto sempre a dar esmola,
De olhos meigos e alma boa,
Que delicada pessôa
O mestre-escola !

Pelas ruas da cidade,
Todo tremulo, o bom velho
Só distribuia conselho
E caridade.

Aos ricos, de grande aspecto,
Ou á pobre e humilde gente,
A todos dava igualmente
O seu affecto.

Alegre, risonha a face,
Andava com o passo incerto.
Ninguem havia decerto
Que o não amasse.

Porém Alfredo, que andava
Enchendo a mãe de amarguras
Pelas muitas travessuras
Que praticava,

Na rua, um dia, se atreve
A enfiar debaixo da gola
Do fraque do mestre-escola
Um rabo-leve.

Por causa de tal gracejo
O velho, num gesto amigo,
Deu-lhe o devido castigo,
Dando-lhe um beijo.

Desde então o valdevinos,
O vadio transformou-se,
De máo que era, no mais doce
Dos meninos.



Crueldade de Joãosinho

Para que a turma dos demais o applauda,
Logo ao sahir da escola o máo Joãosinho
 Prende uma pedra a cauda
 De um pobre cachorrinho.

E protestando, a rir, contra o soccorro
Que os meninos ao cão querem levar,
 Escorraça o cachorro,
 Que se põe a gritar.

E de dor a gritar, corre e dispara ;
Mas um homem que passa, a muito custo
Cerca o animal, que pára,
Todo a tremer de susto.

Tira-lhe a pedra, e, enquanto o pequenino
Cão alli fica a olhar, calmo e feliz,
Ao perverso menino
Estas palavras diz :

« Quem maltrata animaes, meu filho, e gosa
Com estas dores alheias,
Pratica uma acção feia e criminosa
Como as mais criminosas e mais feias.

« Só maltrata animaes essa má gente
Que é perversa e feroz ;
O animal, como nós, as dores sente,
Ou mais talvez do que as sentimos nós.

« Ouve : disse uma vez santo Agostinho,
Que á terra veio a consolar as dores,
Que os animaes, filhinho,
São os nossos irmãos inferiores.

« Porisso não devemos maltratal-os
Por dever de christãos,
Antes, porém, dar-lhes carinho e amal-os
Como a nossos irmãos. »



O relógio

Preso á parede, sósinho lá,
Alvo dos olhos de toda gente,
Minutos e horas, eternamente,
Alma do tempo, batendo está.

Na intimidade de todo lar
Se as alegrias são verdadeiras,
As horas correm, voam ligeiras
Para a ventura não demorar.

Gelam os risos, e quando emfim
Dor ou tristeza nos olhos chora,
Calmo, o relógio pára e demora,
A hora parece que não tem fim.



Professora e discipulo

MARIA

(Dando-se ares graves, o gesto pausado como convem ás velhas professoras, para Joãozinho, que está sentado.)

Vejamos se sim ou não
Ao menos hoje, que vida!
Trouxeste a lição sabida.
Vamos lá, dize a lição.

JOÃOSINHO

(De olhos fitos na cartilha, soletrando :)

B, a, bá.

MARIA

Adiante !

JOÃOSINHO

B, e, bé.

MARIA

O menino que é vadio
Não tem vergonha nem brio.

(Num gesto de colera)

Ergue-te ! fica de pé !

(Joãosinho, obediente, põe-se de pé, os
lhos baixos, em attitude de confusão e receio.)

E' uma vergonha sem par,
Que cada vez mais extranho,
Ver homem do teu tamanho
Que nem sabe soletrar.

Meu filho, e bem contra mim,
Bem contra as normas que sigo,
Vou lançar mão do castigo.
Levanta ós braços !

(Joãosinho obedece, choroso)

Assim !

(Joãosinho, porém, logo que levanta os braços, deixa-os cair e esconde nelles o rosto, fingindo que chora. Maria, commovida, corre a abraçal-o, arrependida do gracejo.)

Estás chorando ? porque ?
Não chores, não tenhas medo ;
Não é castigo, é brinquedo.

JOÃOSINHO

(mostrando a carinha entre maliciosa e risosinha)

Que é brinquedo já se vê.



Voz dos animaes

— O perú, em meio á bulha
De outras aves em concerto,
Como faz, de leque aberto?
— Grulha.

— Como faz o pinto, em dia
De chuva, quando se interna
Debaixo da aza materna?
— Pia.

— Emquanto alegre passeia
Gyrando em torno do ninho,
Como faz o passarinho?
— Gorgeia.

— E de intervallo a intervallo
Quando a manhã se levanta,
No quintal que faz o gallo?
— Canta.

— Quando a gallinha deseja
Chamar os pintos que aninha,
Como é que faz a gallinha?
— Cacareja.

— A rã, quando a noite baixa,
Que faz ella a toda hora
D'entre os limos em que mora?
— Coaxa.

— E quando as narinas incha,
Cheio de gosto e regalo,
Como é que faz o cavallo?
— Rincha.

— Que faz o gato, que espia
Uma terrina de sopa
Que fumege sobre a copa?
— Mia.

— Com a barriga farta e cheia
Que faz o burrinho quando
Se está na grama espojando?
— Orneia.

— D'entre a espessura da silva,
Emquanto as roscas desdobra,
Zangada, que faz a cobra?
— Silva.

— Para signal de rebate,
Aviso, alarme ou soccorro,
Como é que faz o cachorro?
— Late.

— Para que as maguas embale
Quando tresmalha, sósinha,
Que faz a branca ovelhinha?
— Bale.

— Em fugir quando porfia
A' garra e aos dentes do gato,
Como faz o pobre rato?
— Chia.

— De pé, se a bocca descerra
E alta levanta a cabeça,
Que faz a cabra travessa?
— Berra.

— Cheia a bocca da babuge
Do milho bom que ruma,
Que faz o boi na campina?
— Muge

--A pomba, que grãos debulha,
Como faz, batendo as azas
Sobre o telhado das casas?
— Arrulha.

- A voz tremida do grillo
Que vive occulto na grama,
A trilar, como se chama?
— Trilo.

Mas, escravos das paixões
Que os fazem bons ou ferozes,
Os homens têm suas vozes
Conforme as ocasiões.



O meu retrato

- « Aquelle retrato lá :
O corpo, as pernas, o braço,
Sou eu mesmo traço a traço,
Tão parecido elle está.

- « Acham bonito ? talvez...
O nariz é um pouco chato...
Mas, que importa ? é o meu retrato;
Foi o vovô quem o fez.

« Vovô Que bom coração !
Tudo o que elle tem reparte,
E sabe fazer com arte
Retratinhos a carvão.

Fez meu retrato tão bem !
Bonito, olhar atrevido .
Emfim, muito parecido,
Que nenhum defeito tem.

« O meu retrato está lá :
Meu todo falado e escripto,
Tão bonito, tão bonito,
Que mais bonito não ha.

« Vovô . . . que bom coração !
Tudo o que elle tem reparte,
E sabe fazer com arte
Retratinhos a carvão.»



Moras melhores

Quaes são os melhores gosos,
Os preferiveis a tudo?
Para os que são estudiosos
É' o estudo.

Qual o instante de alegria
Que de risos vem mais cheio?
Para a creança vadia,
O recreio.

A bella Corina

« Com seu claro e lindo rosto
E altivo porte, Corina
E' a mais formosa menina
Em que os olhos tenho posto.

« O ouro melhor, em novellos,
Os mais ricos fios de ouro
Valem menos do que o louro
Brilhante dos seus cabellos.

-
- « Não ha nenhuma que a exceda
Em elegancia e apparatus ;
São caros os seus sapatos
E as meias curtas de seda.
- « Ninguem della se avizinha,
A escola inteira a aborrece :
Em cada gesto parece
Ter o orgulho de rainha.
- « Pois apezar de tão bella,
Sempre elegante e bem posta,
A professora não gosta,
Nenhum de nós gosta d'ella.
- « Aos pobres olha de cima ;
A todos a fala nega ;
E' uma pessima collega
De quem ninguem se approxima.
- « Tem modos aborrecidos,
Tem sempre um gesto insolente
E um receio de que a gente
Lhe vá sujar os vestidos.

« E se ella é muito applicada,
Vive a estudar e a ler tudo,
Não é gosto pelo estudo,
E' orgulho apenas, mais nada.

« Um dia a mestra á menina
Pediú que se levantasse,
E deante de toda a classe
Assim lhe disse : — Corina,

« Desprezível é a vaidade
Quanto é bella a singeleza ;
Só tem valor a belleza
Que ao lado está da bondade. »



A menina feia

- « Mamã, a menina Paula
Arrasta a perna, coxeia ;
Ella decerto é a mais feia
De todas que vão á aula.

- « Tem fala tati-bi-tate,
Olhos tortos de caôlha ;
Tem o nariz, mamã, olha :
Vermelho como um tomate.

- « Disse-me um dia Arabella,
Falando d'ella a respeito,
Que a Paula é assim d'esse geito
Porque era ebrio o pae d'ella ;
- « Que o papá e a mamã sua,
Descalços e braços dados,
Andavam embriagados
Cambaleando na rua.
- « Não ha porém um instante
Em que a não veja, applicada,
Sobre os livros debruçada ;
E' muito boa estudante.
- « D'entre as meninas instruidas,
Mais adeantadas da classe
Não ha uma que lhe passe :
Tem sempre as lições sabidas.
- « Porisso os paes, a chorar
De ventura e de alegria,
Juraram á Paula um dia
Nunca mais se embriagar. »

Caridade

Ao canto de um portal, em abandono,
Um pobre cão vadio
Chora talvez a ausencia do seu dono,
Tiritando de frio.

Prostrado está de fome e de canção ;
Apagada, sumida,
Só lhe resta no olhar choroso e baço
Uma pouca de vida.

Esse olhar meigo e bom reflecte e pensa...
E a pensar continúa
Na dolorosa e amarga indiferença
Dos passeantes da rua.

Dos seus turvados olhos clara e mansa
Uma lagrima rola.
Desce a rua, sorrindo, uma creança
A caminho da escola.

Tem no rostinho uma expressão de gloria
E de intensa alegria.
E' que traz, bem sabidas, na memoria
As lições d'esse dia.

Pára ao ver o animal, que se ergue e accorda;
E com muito carinho
Põe-se a alisar-lhe á mão rosada e gorda
Os pellos do focinho.

Nota com magua que o cãesinho chora
De fome, com certeza;
A alegria que tinha muda agora
Em desgosto e tristeza.

E tão triste se sente, e de tal modo,
Que, delicada e meiga,
Lhe chega aos dentes o seu lanche todo
De pão, queijo e manteiga.

Agora o cão se anima e se repasta
E todo o lanche come;
Já não tem fome, que esse lanche basta
Para matar-lhe a fome.

Ri-se a creança por ter tido ensejo
De fazer essa esmola,
Embora hoje, sem pão, manteiga e queijo,
Tenha de ir para a escola.



O patinho

O pintainho do pato,
Galante, amarello e novo,
Mal sahiu da casca do ovo
Busca as aguas do regato.

Todo elle, tão lindo e louro,
Emquanto nas aguas boia,
Tem a graça de uma joia
Feita em ouro.

A boneca de Paulina

« Como ficaste contente
Hontem quando tia Rita
Essa boneca bonita
Te veiu dar de presente !

« Parece gente, parece !
Tem a vista arregalada,
Mas se a collocas deitada
Fecha os olhos e adormece.

« Pois hoje, pela manhã,
(Não te zangues que te diga)
Ao tocar-lhe na barriga,
Disse a boneca : *mamã*.

Parece até caçoada,
Mas não sei porque razão
As bonecas que me dão
Nunca prestam para nada ;

« Não são lindas como as tuas,
São feias e aborrecidas,
Duas ou tres, mal vestidas,
E as outras mais, andam nuas.

« As poucas que ás vezes ganho
Não têm feitiço de moça,
São tortas, feitas de louça,
Pequenas, d'este tamanho.

« Porque motivo ? porque ?
E' com certeza, Paulina,
Porque, sendo eu pequenina,
Valho menos que você.

« Mas isto é muito offensivo,
Não é tal, não póde ser;
Sabes? quer-me parecer
Que adivinhei o motivo :

« E' porque soube a titia
(E a titia sabe tudo.)
Que tu gostavas do estudo
E eu sou um pouco vadia.

« Isso não me desconsola,
Porque de agora em diante
Serei tão boa estudante
Como as melhores da escola. »



O pão

« — Eu até hoje inda estranho
Porque é que o papá dizia :
« Só trabalho para o ganho
Do meu pão de cada dia. »

« E póde ser isto exacto ?
Papá só trabalha então●
Para ganhar o seu pão,
Quando o pão é tão barato ?

- « Decerto o papá é avaro ;
D'esse modo quer portante
Fazer crer que o pão é caro
P'ra que não se coma tanto.
- « Verdade é que elle não mente...
Mas tantas coisas não ha
Que faz e diz o papá
Só para brincar com a gente ? »
- « Que diz a mamã ? Desejo
Que me decifre o mysterio :
Papá falou por gracejo
Ou disse tal coisa a serio ? »
- « — Muito a serio. Nem podia
De outra maneira falar,
Pois vive-se a trabalhar
Para o pão de cada dia.
- « O pão é tudo : o agasalho,
A luz, a casa, a comida,
O pão é o proprio trabalho,
A propria essencia da vida.

« Esse pão de que te falo
E' o nosso pão, meu amor,
Que tem tanto mais valor
Quanto mais custa a ganhá-lo. »



Infancia e velhice

- « A mamã estende o braço . . .
(Porque a mamã é tão boa !)
E a gente tropeça á tôa,
A cada passo.

- « Annos depois, quando a gente
E' grande já, sem cautela
Marcha bem ao lado d'ella,
Valentemente.

ALMA INFANTIL

E mais tarde, passo a passo,
Com delicada ternura
E' a mamã que se segura
Em nosso braço. »



Exame escolar

MARIA

(Sentada na cadeira da professora, que se ausentou, ás demais creanças, que a ouvem, attentas e silenciosas.)

Fiquem todos socegados.
Agora vejamos quaes
Os que estão mais preparados
Para os exames finaes.

E' uma vergonha sem par,
Um triste e feio vexame
Ser reprovado no exame
Ou numa prova escolar.

Neste solemne momento
Vou proceder á inspecção
Do gráo de adeantamento
Em que estão.

(Indicando com o dedo a primeira das meninas)

A menina Felisberta
De uma maneira gentil
Dirá sobre a descoberta
Do Brazil.

FELISBERTA

Segundo opinião acceita,
A descoberta, tal qual,
Em mil quinhentos foi feita
Por Pedro Alvares Cabral.

MARIA

Bem.

(Indicando o segundo)

E o menino Raymundo
Então me dirá também
Quantas partes tem o mundo.

RAYMUNDO

Cinco partes.

MARIA

Muito bem.

(Apontando para outra menina)

Quaes são ellas, dona Aspasia,
Segundo a geographia?

ASPASIA

São Africa, Europa, Asia,
America e Oceania.

MARIA

Muito bem.

(A' outra)

Dona Dolores
Vae dizer as principaes,
As mais ricas e maiores
Cidades e capitaes.

DOLORES

Não sei.

MARIA

(indignada)

Tu não sabes nada!
Vaes passar pelo vexame
De ter nota má no exame.

(Annunciando a toda a classe)

A Dolores, reprovada !

A filha do carpinteiro


Deixa-se estar em casa a fazer planos
O carpinteiro João, porque é domingo.
Perto, a filha mais nova, de dois annos,
Põe-se então a brincar com seu cachimbo.

Chama-se Eulalia. E' um anjo que, sem aza,
Faz entrever o céu no olhar brejeiro ;
E' o encanto, o prazer d'aquella casa,
E' o consolo do pobre carpinteiro.

Vel-a tão nuasinha faz-lhe pena ;
E ao pranto amargo o velho mal resiste
Porque não tem bonecas a pequena,
E sem boneca uma creança é triste.

Ao peito aperta com os pequenos braços
O cachimbo do pae, num gesto doce ;
Diz-lhe coisas de amor e dá-lhe abraços
Como se aquillo uma boneca fosse.

Que alegria fulgura em seu olhar !
E ri-se a creancinha, e ri-se, enquanto
O carpinteiro João, sentado a um canto,
Se põe, triste, a chorar.



Berceuse da boneca

Nenê, a rede embalando,
Quer provocar a somneca
A' sua linda boneca
Nuns versos que vae cantando:

« Bonequinha, bonequinha,
Tão lourinha,
Porque ficas a sorrir,
Sem dormir?

« A tua rêde balanço
No vae-vem ;
Os olhos fecha de manso,
Que o somno vem.

« Bonequinha, bonequinha,
Tão lourinha,
Porque ficas a sorrir,
Sem dormir? »



O presente de Mario

Com os collegas em palestra
Soube o pequenino Mario
Da data do anniversario
Da sua querida mestra.

E' da turma dos menores ;
Quatro annos só ; em altura
Passa apenas da cintura
Dos seus collegas maiores.

Com a graça que tem e aquelle
Ar de candura na face,
E' o Mario o encanto da classe:
Não ha quem não goste d'elle.

Bom coração, alma boa,
Sensivel, meigo no trato,
E' da innocencia o retrato.
E' a mesma graça em pessôa.

Ora, uma vez, em palestra
Com os collegas, soube Mario
Da data do anniversario
Da sua querida mestra.

A mestra, seguramente,
Merece presentes finos;
Elle, como outros meninos,
Queria dar-lhe um presente.

Mas qual? que joia elle tinha
Ou coisa enfim que valesse
O que ella, a mestra, merece,
Se é tão pobre a mamãesinha?

A mestra é mocinha e é bella..
Entra a fazer com empenho
Com seu lapis de desenho
Um lindo retrato d'ella.

(Porque elle, se na leitura
Anda um pouquinho atrazado,
Tem um gosto accentuado
Para o desenho e a pintura ;

E tanto que, n'aula, Mario
As do estudo horas felizes
Passa a rabiscar narizes
Nas margens do abecedario..)

Com tijolinhos de tinta
Da professora o retrato
Um tanto ou quanto gaiato
Em poucos minutos pinta.

Faz a cara um pouco torta
E não se parece nada
Com a cara da retratada...
Mas Mario pouco se importa,

Acha até boa a pintura,
Tão parecida e catita!
Ficaria mais bonita
Se lhe puzesse moldura.

E com carinho e cuidado
Colla o retrato dilecto
No caixilho de páo preto
De um velho espelho quebrado.

Que lindo está! Dá-lhe um beijo,
E um traço torto endireita.
Que semelhança perfeita
Com... um mono de realejo!

Muito risonho e contente,
No dia do anniversario
A' mestra offerece Mario,
Num embrulho, o seu presente.

Recebe-o a moça. Que festa!
Que semelhança de traço!
E dá-lhe, com um grande abraço,
Muitos beijinhos na testa.

A mestra, numa alegria,
Acha a pintura tão bella!
Mais parecida com ella
Do que uma photographia!



O guloso

(A gulodice é imprudente.)
O gato, com a vista acceza,
Olhava em cima da meza
Um copo de leite quente.

Namorou-o com meiguice;
E, como o leite é gostoso,
Teve appetite o guloso..
(E' imprudente a gulodice.)

Chegou-se bem de mansinho .
(A gulodice é imprudente)
E o leite, que estava quente,
Queimou-lhe todo o focinho !



O dedinho de mamãe

I

Um dia d'estes, á tôa,
A' irmanzinha, que é tão boa,
Torci as orelhas... pois
A mamã, que estava ausente,
Soube tudo infelizmente,
Poucos minutos depois.

Não sabem porque? São manhas
Do dedinho tagarella
Que lhe conta as artimanhas
Que faço na ausencia d'ella.

II

Um mendigo de sacola
Pediu-me um tostão de esmola
Que lhe dei esta manhã.
Em si de alegre não coube ;
E pensam que ella o não soube ?
Soube de tudo a mamã.

Não sabem porque ? São manhas
Do dedinho tagarella
Que lhe conta as artimanhas
Que faço na ausencia d'ella.

III

Mas notem bem : quando digo
Dedinho, dedinho amigo
Que sabe as coisas tão bem,
(Escutem attentamente)
Refiro-me unicamente
Ao dedinho que ella tem.

Porque meu dedo... essa é bôa !
E' um dedo que anda no ar,
E' um dedinho muito á tôa
Que nada sabe falar.

Mimi

I

Mimi devéras implica
Com gente que faz barulho ;
E' toda cheia de orgulho,
Parece pessoa rica.

E' uma gatinha a *Mimi*,
Como as outras, que tem patas
Porque é da raça das gatas.
Mas linda assim nunca vi.

Apezar de ser mansinha,
Dotada de indole boa,
Ella é a vaidade em pessoa,
O orgulho feito gatinha.

Mimi não gosta de pó:
Só se deita e se repimpa
Em cadeira muito limpa,
A um canto da sala, só.

E sempre só, alli fica
Longe de todo o barulho,
Muito estufada de orgulho
Como uma pessoa rica.



II

A *Mimi* quando presente
Cheiro de pão com manteiga,
Faz-se logo muito meiga,
Muito amiguinha da gente.

Mas tem o grande defeito
De fazer-se aborrecida
Logo que esteja servida,
Com o appetite satisfeito.

A um canto então, silenciosa,
Com muito geito e carinho
Põe-se a alisar o focinho
Com a patinha côr de rosa.

A's vezes, quando passeia,
Tem a vaidade exquisita
Propria de moça bonita
Que despreza a gente feia.

Quietinha, caseira e mansa,
Nunca os seus pés delicados
Andaram pelos telhados
Com as gatas da vizinhança.

Vive a fazer sentinella
Sempre ao sobejo dos pratos ;
Não caça ratos ; dos ratos
Tem um medo, que se pella!



III

Sobre um canteiro de giesta
Em quente e fofo conchego
A *Mimi* dorme em socego
Sua acostumada sésta.

Dorme, de um geito tão lindo,
Um somno quieto e profundo;
Mas pelo portão do fundo
Entra um cachorro, latindo.

Mimi toda se alvoroça,
Toda se arrepia e assanha ;
De medo a bocca arreganha
E os pellos da cauda engrossa.

Ao vel-a, o cachorro late,
Emquanto a gatinha estufa,
Se abaixa, se alteia e bufa
Com receio do combate.

Foge de um salto e se abriga,
Medrosa, em cima do muro.
(Em cima é logar seguro
P'ra quem tem medo de briga.)

Medrosa assim nunca vi :
Tudo assusta a pobresinha ;
Não ha no mundo gatinha
Mais medrosa que *Mimi*.



Bichano

Bichano, o lindo gatinho,
Sobre a almofada sentado,
Vive a limpar com cuidado
O gracioso focinho.

E não sei como elle póde,
Se não tem mãos como a gente,
Tão bem lavar-se e, contente,
Alisar o seu bigode!

A espuma, o algodão, o pano
De linho ou a neve pura
Não excedem na brancura
A' brancura de *Bichano*.

Muita gente ha cujo fato
Ou rosto tornado feio
Não tem a limpeza e asseio
Que tem o pello do gato.

Menina ou rapaz, aquelle
Que a todo asseio se nega,
E' um desprezivel collega:
Os outros têm nojo d'elle.

Tão lavado tem o pello,
Tão limpo traz o focinho!
E' do asseio este gatinho
O mais perfeito modelo.

Bichano, immovel e mudo,
Em bola fofinha e alva
Destaca no verde malva
Da almofada de velludo.

Quem não escova o seu fato,
Quem não se lava a capricho
Vale menos do que um bicho,
Merece menos que um gato.



O gallo

Passo lento, olhar profundo,
Valente, brioso e grave,
O gallo é a mais linda ave
D'entre todas que ha no mundo.

Um pé adeante, outro atraz,
Bico aberto, o gallo canta ;
Tem a gloria na garganta
E nas esporas que traz.

O gallo é sempre o primeiro
A anunciar as auroras.
Repara bem : tem esporas
E é porisso cavalleiro.

Corôa tem e de lei,
Corôa em fôrma de crista
Que ganhou numa conquista :
Porisso julga-se rei.

Pendentes até ao peito,
Vermelhas, grandes e bellas,
Tem barbas que são barbellas
Que lhe dão muito respeito.

Com que delicado amor
Elle defende e acarinha
Ora o pinto, ora a gallinha
Com seu gesto protector!

De cabeça levantada,
Altivo sobre o poleiro,
Elle é o rei do gallinheiro
E o cantor da madrugada.

Vivem todos sob a lei
E ordens que o gallo decreta :
Soldado, musico e poeta,
Pastor, cavalleiro e rei !



Ociosidade

O vadio que, sem o pão buscar,
Fica á espera que o pão ás mãos lhe venha,
Por mais fé que em Deus tenha
Deus não o ha de ajudar.

Luta, trabalha pois; preciso é
Entrar nas lutas do trabalho rude :
Para que Deus te ajude
Não te basta ter fé.

Irmã Cecilia

E' irmã de caridade a irmã Cecilia ;
Dos leitos do hospital sentada á beira,
Assim passa, risonha, a vida inteira ;
Não tem pae, não tem mãe, não tem familia.

Não tem abrigo ou lar, ternura ou tecto,
Nem mão que á sua mão se abra e se estenda,
Nem no mundo, tão grande, a que se prenda,
Elo de amor ou vinculo de affecto.

A' gente triste as lagrimas consola;
Onde chora a miseria, está presente;
Os seus amigos são a pobre gente
Que a mão lhe estende a receber a esmola.

Sua familia é o lar onde anda afflicta
A dor e a fome, a lagrima e a orphandade,
E' toda gente enfim que necessita
Dos soccorros da sua caridade.



Aspirações

Se o sol de inverno eu fosse,
Amoroso e macio,
Aqueceria com o meu raio doce
As creancinhas que tivessem frio.


Se fosse a briza, que erra
Solta, cheirosa e pura,
Levaria, a correr de terra em terra,
Aromas e frescura.

Se fosse a flor, que cresce
Com tão lindo recato,
Gostaria que um crente me colhesse
Para me pôr no altar, como um ornato.

Se fosse astro ou estrella,
Que brilha no céu puro,
Daria direcção á branca vela
Que vae incerta pelo mar escuro.

Se nuvem fosse, iria
Aos que têm sede e maguas
Dar a immensa alegria
Das minhas aguas.

Tanto desejo cesse,
Que não posso siquer
Pagar á minha mãe, como merece,
Todo o infinito bem que ella me quer.



O ebrio

Ruth e Maria estão-se rindo, e ambas
Alegres porque um ebrio alli na rua
Com grandes gestos faz sermões á lua,
Mal podendo-se ter nas pernas bambas.

— «Coisa engraçada um ebrio!—diz Maria—
Sempre está rindo, sempre está contente.
Um bebedo faz rir a toda gente ;
Não conheço ninguem que se não ria.»

Ri-se de um ebrio aquelle que não tem
Dó nem piedade da desgraça alheia;
Mas quem vive da fé com a alma cheia
Não se ri das desgraças de ninguém.



Joãosinho o medroso

João, sem vergonha nenhuma,
Perante todos, em face
De outros collegas da classe,
Accende o cigarro e fuma.

Entra na sala a falar
Num tom de voz muito grosso,
E pensa já ser um moço
Com direito de fumar.

Emtanto, valha a verdade,
Não passa de um pirralhito
Magro, pequeno e bonito
Com seus dez annos de idade.

Quando á escola vae então,
Entra insolente na sala
De chapéo e de bengala,
Cigarro accezo na mão.

Na sala ou na rua, em prosa
Com seus collegas maiores,
Dá-se uns ares protectores
De pessoa mais edosa.

Mas o valente de truz,
De voz grossa e de olhar duro
Tem medo de quarto escuro,
Não pode dormir sem luz.

Que vale tanto arremedo
De valentia gabola,
Se é o mais medroso da escola,
Se de tudo elle tem medo?

Na cama, até á manhã,
Cheio de um terror enorme,
Dizem todos que elle dorme
Muito agarrado á mamã.



Visita massadora

D. CECILIA

(entrando na sala onde está dona Rita, cumprimentando-a ceremoniosamente)

Boas tardes, dona Rita.

D. RITA

(correndo a abraçar-a, falando torrencialmente como costuma fazer a gente massadora)

Oh! viva! bem vinda seja!
Já não ha mais quem a veja!
Que inesperada visita!

Que sol que faz! é uma braza!
Sol dos tropicos... Mas, diga,
Que bons ventos, minha amiga,
A trouxeram a esta casa?

Tem passeio por onde?
Está cançada e suarenta...
Ora! porque não se senta?

(Indica-lhe uma cadeira)

Veiu a pé?

D. CECILIA

(sentando-se)

Não, vim de bonde.

D. RITA

De bondes sempre me arredo.
Causam-me horror. Muita gente
Tem morrido ultimamente
Debaixo das rodas... *Credo!*

Pois, filha, que Deus me ajude!
Ando a pé. E' mais barato.
Faz-se um passeio pacato..
E o bem que faz é saude!

Andar a pé revigora.
A mim, ao marido e á filha
Em bondes ninguem nos pilha.
E faça o mesmo a senhora.

Que é que lhe ensina a experiencia
Senão cautela e cuidado?
Prudencia não é peccado;
Ninguem pecca por prudencia.

*(Observando as roupas de dona Cecilia com
curiosidade)*

Agora vejo, é verdade!
Traz uma linda *toilette*;
E' simples, não compromette...
E' propria da sua idade...

(Examinando com atenção, já um pouco desdenhosa)

E' largo demais na roda...
Está, permitta dizel-o,
De mão gosto este modelo
E um pouco fóra da moda.

A fazenda que hoje se uza
E' mais ligeira, mais fina ;
Demais, a côr não combina
Com a fita que tem na bluzza.

E o laço que traz ao lado
Não deve ser assim posto.
Mas não discuto ; é seu gosto...
O meu é mais apurado.

Esta manga... é uma estreitura
Em que o seu braço mal cabe ;
Quem isso cortou não sabe
Patavina de costura.

E o nome da costureira?

D. CECILIA

Chama-se . . .

D. RITA

(atalhando-a)

Não, não conheço.
E o preço? . . . Já sei o preço,
E' de aprendiz barateira.

O pano é bom, mas rustido ;
Não presta. Não lhe aconselho
Que compre tecido velho,
E é tão velho esse tecido !

Quanto lhe custou o fato?

D. CECILIA

Custou ..

D. RITA

(sem a deixar falar)

Já sei, baratinho,
Porque ha lojas de armarinho
Que vendem muito barato ..

D. CECILIA

(levantando-se, impaciente já e de máo humor)

Eu já me vou, dona Rita.

D. RITA

Pois, já? tão cedo! Ora, gente!
Quando terei novamente
A honra da sua visita?

Não seja tão preguiçosa.
Oh! quanto me rejubila
O fino prazer de ouvil-a!...
E' um encanto a sua prosa!

Nem sei onde está morando...

*(Dona Cecilia, que insiste em ir-se embora,
profundamente aborrecida, estende-lhe a
mão)*

E' tão cedo! Não se esqueça,
De vez em quando appareça...
Então já vae? Até quando?

D. CECILIA

Até...

D. RITA

(interrompendo-a)

Pois, dona Cecilia,
Gosto immenso dos seus modos...
Meus cumprimentos a todos,
Meus respeitos á familia.

D. CECILIA

*(áparte, sahindo, depois de despedir-se com
um gesto secco de cabeça)*

Que séca ! já estava em braza !
Esta mulher tem topete
Para saber ser cacete !
Não volto mais a esta casa !

(Sae)



Cinco annos

— O' mamã, não é verdade
Que eu já tenho completinhos,
 Inteirinhos,
Os meus cinco annos de idade? »

« — Cinco annos completos, não.
Diz a mamã sem enfado.
Espera mais um bocado
Que os teus cinco annos virão. »

« — Tu sabes bem que não brinco,
Mas tu num dia como este
Me prometteste
Que eu logo teria cinco. »

« — Nem cinco, nem seis, nem sete;
Estás faltando á verdade.
A idade, filhinha, a idade
Não se promette.

Gostas de mentir ás vezes;
Mas espera que, inteirinhos,
Os cinco annos completinhos
Virão d'aqui a dois mezes.

« — Tão cedo não vêm então;
Faltam-me tantas semanas...
Estou vendo que me enganas...
Dois mezes é muito, não ?

« — Dois mezes é quasi nada,
Mas a mamã te promette
Que parecerás ter sete
Se fores bem comportada.

Deus

« -- Mamã, eu li uma vez
No catechismo que estudo
Que as coisas, a terra, tudo,
Que tudo foi Deus quem fez.

Dizem que é a pura verdade
O que o catechismo ensina ;
Que tudo é obra divina,
Obra da sua vontade.

Acho difficil, porém,
Que Deus, embora perfeito,
Tenha o Céu e a Terra feito
Sem auxilio de ninguem.

Um anjinho de trombeta
Batendo as azas num vôo
Com seu trabalho ajudou-o
Na construcção do planeta.

Deus fez a noite e a manhã,
O anjo fez o mar immenso..
Pelo menos assim penso ;
Não tenho razão, mamã ?»

« — Tu não passas de um tolinho.
Tudo só por Deus foi feito ;
Só Deus, meu filho, é perfeito,
Só Deus é grande, filhinho.



No circo de cavallinhos

Uma vez aos tres filhinhos,
Eufrosina, Alberto e Edgard
A mamã pôde levar
A um circo de cavallinhos.

Applausos, vivas, risadas
Um contentamento novo!
A massa enorme do povo
Enchia as archibancadas.

Entraram os tres, e rente
A mamã seguia atraz.
Oh! quantos bicos de gaz!
Meu Deus, que porção de gente!

Em elos, em arco, em tranças,
Havia flores e fitas,
E muitas coisas bonitas
De endoidecer as creanças.

Juntinhos os tres, e ao lado
A mãe, sentaram-se então
Para assistir á funcção
Que já tinha começado.

A mãe e seus tres filhinhos,
Edgard, Eufrosina e Alberto,
Gostaram muito, decerto,
Do circo de cavallinhos.

Que menino ou que menina
D'isso não goste, talvez
Muito mais que aquelles tres,
Edgard, Alberto e Eufrosina?

A mamã tapou a vista
Vendo a voadora no espaço ;
Edgard gostou do palhaço,
Alberto, do equilibrista.

Para Eufrosina um regalo,
Um delicioso prazer
Ver a menina a correr
Ao galope do cavallo !

Mas o clown, com seu jaleco
Tão curto e calças tão largas,
Ia gingando de ilhargas
Que parecia um boneco.

Disse Alberto, de contente,
(Dos tres Alberto é o maior)
Que não ha vida melhor
Que a vida d'aquella gente.

Tudo aquillo é brincadeira
E travessura, por certo ;
Os outros dois, como Alberto,
Pensavam de igual maneira.

Disse Edgard ; « — Que alegria
A vida inteira passar
Só a rir, só a brincar,
Como essa gente fazia !

Mas a mamã, em segredo,
Baixando a voz, então disse
Que era uma grande tolice
Chamar áquillo brinquedo.

Na apparencia divertida,
Livre de maguas e dor,
Aquella luta é a peor
Das demais lutas da vida ;

Que era uma existencia triste
Sob os castigos e os ralhos,
Uma vida de trabalhos
Como peor não existe.



O relógio da torre

O RELOGIO

(Uma menina, no meio do recreio, fazendo de relógio, canta :)

Sou o relógio que marca
As horas que vêm e vão ;
A minha voz sôa e corre
De cima d'aquella torre ..
 Dig, dão !

O CÔRO

*(As creanças, em circulo, segurando-se pelas
mãos, approximando-se e afastando-se)*

Pois d'essa torre em que moras,
Contando as horas,
Dize-nos pois que horas são ?

O RELOGIO

Dig, dão !

E' manhã cedo. Já estão
Cantando fóra dos ninhos
Creanças e passarinhos..
Dig, dão !

O CÔRO

Como o gorgueio tão lindo
Que as aves soltando vão,
As nossas almas subindo
Para o céo também estão.

O RELOGIO

Se o ponteiro vae andando,
Dig, dão!
Já no campo trabalhando
Os lavradores estão.

O CÔRO

Deve-se pois começar
O trabalho a qualquer hora;
Comecemos desde agora
A trabalhar.

O RELOGIO

Meu ponteiro marca e anima
As horas que vêm e vão.
O sol já vae alto em cima...
Dig, dão!

O CÔRO

Não é hora de escutar
Historias da carochinha
Que só á noite a avósinha
E' que nos póde contar.

O BELOGIO

As horas correndo vão,
O ponteiro já vos chama
Para o socego da cama...
Dig, dão!

O CÔRO

O ponteiro já nos chama,
Fica o resto p'ra amanhã.
Vamos beijar a manã
E toca a pular p'ra cama.



Manhã de inverno

Manhã muito fria. Um bando
Passou de aves assustadas.
Adriano e a mãe, de mãos dadas,
Passeavam, conversando.

A' terna mamã, que o ouvia,
O pequenino Adriano,
Que tem pouco mais que um anno,
Estas perguntas fazia :

« — Porque é que a avesinha esperta
O frio, mamã, não sente,
Se ella vive sem coberta
Feita de lã, como a gente?

- Olha, mamã, olha aquella!
Quem sabe se no seu pio
Diz ella que sente frio?
Que pena que tenho d'ella!

Diz a mãe: : — Não, meu filhinho,
Deus, que é tão bom e perfeito,
Fez tudo muito bem feito:
Não deu frio aos passarinhos;

- Deu-lhes as pennas de côres
Variadas e differentes,
Que são macias e quentes
Como a lã dos cobertores. »



Paula

Ha muitos dias que a Paula
Voltar á escola receia
Porque tinha dito na aula
Que a mestra era velha e feia.

A um collega, que a escutava,
Disse ainda mais, disse tudo:
Que da mestra não gostava,
E muito menos do estudo.

ALMA INFANTIL

Quem no estudo não se esforça
E acha a escola aborrecida,
Mais tarde não terá força
Para os trabalhos da vida.

Quem não estuda se afeia ;
Tudo o que faz lhe sae falho ;
Será pobre para a idéa,
Inutil para o trabalho.

Quem aos mestres não respeita,
Não necessita estudar ;
E' uma pessoa imperfeita
Que devemos desprezar.



Primavera

Bem cedo, mal rompe o dia,
Já estão gorgeliando as aves
Os seus pipilos suaves
Em desusada alegria.

Vasto, o campo se descobre,
Ondula, se estende e perde,
Todo verde, todo verde
Da nova relva que o cobre.

De toda banda invadidos
E cheios estão os ares
Do perfume dos pomares
E dos jardins florecidos.

A's aves eriça a pluma,
Varre os ares e os refresca
O sopro da briza fresca
Que tudo beija e perfuma.

A natureza se esmera
Em galas e enfeites novos ;
Ri o sol, brotam renovos . . .
E' a risonha primavera

Que bem cedo acorda os ninhos,
As flores perfuma, enfolha
As arvores, folha a folha,
Onde cantam passarinhos.



As duas sabias

(imitação do francez)

I

BERTHA

Com esses risos não me enganas ;
Soffri desgostos e embaraços,
Queimei devéras as pestanas
Para estudar estes compassos.

CLARA

O meu estudo foi insano,
Trago-o presente na memoria ;
E conto no exame de historia
Um premio bom no fim do anno.

Concedo-te de boa vontade o premio de musica, porque eu terei o premio de Historia.

BERTHA

Obrigada pela tua generosidade. O meu exame surpreendeu a todos, porque eu expliquei tudo em quatro palavras. Julga tu: O examinador perguntou-me: «— Quantas especies de notas ha?» Ha brancas, pretas, amarellas; umas redondas, outras longas, outras curvas, ora em fórma de bolinhas, de circulos ou de apagador de velas; tudo isso misturado com suspiros, volver de olhos, acordes de piano e trinados de garganta. «— Pois bem. Como se indica o andamento de um trecho musical?» Pelas indicações: forte, fortissimo, largo, piano, stacato, larghetto, tremolino, etc. «— Quantas especies ha de compassos?» Ha-os de quatro tempos, que é o mais longo, de tres, de dois, de um, de nenhum, segundo o gosto, a digestão e o appetite. Que dizes a isso, Clara?

Estrilho cantado por ambas

Isto parece até feitiço ;
Vae muito além da nossa idade ;
Mas, seja dito sem vaidade,
Sei muito mais do que tudo isso.

Tanto saber é, na verdade,
Improprio emfim da nossa idade.
A sala applaudiu
Delirantemente,
Beijos ganhei de toda gente
Que aos meus exames assistiu.

II

CLARA

De Historia o exame foi brilhante :
Fil-o tão bem, verdade seja,
Que outras alumnas, nesse instante,
Ficaram pallidas de inveja.

Ficaram todas como loucas,
E que espectáculo engraçado
Ver-lhes nas caras e nas boccas
Tanto despeito disfarçado!

O examinador perguntou-me: «— Quem destruiu a cidade de Jerusalem? - Gedeão. «— Quem foi o fundador de Roma?» Foi Alexandre o Grande, aquelle que inventou as luvas para curar o defluxo das mãos. O filho do rei de Roma construiu por sua vez varias cidade: Cascos de Rolhas, Freixo

d'Espada á Cinta e Calinopolis. « — Quem foi o vencedor das Trebisondas? » Napoleão. E os seus admiradores, para lhe perpetuarem o nome, ergueram-lhe uma estatua tão colossal que por baixo das suas pernas podiam passar folgadoamente embarcações á vela de cascas de noz. Que dizes a isso, Bertha?

Estrilho

Isto parece até feitiço,
etc., etc.

III

BERTHA

Conheço as contas de cabeça,
Sei arithmetica de cór.
Então, então que dizes d'essa?
Ainda vou ter premio melhor.

CLARA

Digo-te, Bertha, sem audacia,
Que em sciencias chemicas eu sei
Todo e qualquer principio ou lei
Como um alumno de pharmacia.

BERTHA

Perguntaram-me primeiramente: « - Que é addição? E' a conta por pagar, está claro. «—Que é subtracção?» Ora! quando Nenê me furta do bolso uma bala de coco, fez uma subtracção. «—Que dizes ás raizes quadradas?» Digo que isso é um absurdo, porque as raizes podem ter todas as fórmãs, mas quadradas, nunca! « - Que são fracções?» Os vidros do armario que a gente quebra por travessura; são fracções os estilhaços. « - Que entendes por taboa de Pythagoras?» E' aquella em que Pythagoras lavava a sua roupa branca. E assim por diante!

CLARA

E eu! Ficaram de bocca aberta quando me ouviram discorrer sobre leis physicas. Eu dizia-lhes... (*Dirigindo-se ás pessoas presentes*) exactamente como lhes vou dizer, minhas senhoras. Ponham aos hombros, em dia de verão forte, uma pesada capa de lã e não se espantem se ficarem suando em bicas. Se provarem com a lingua a sopa que está fervendo, ficarão com a lingua queimada. Se tomarem banhos de mar, hão ficar molhadas, com certeza. Se lhes fizerem cóce-

gas no nariz, atchim! hão de espirrar seguramente. E' esta a ordem natural das cousas, são estes os principios geraes da physica. Aposto em como Archimedes ou Pascal não o diriam melhor.

Estrilho cantado por ambas

Isto parece até feitiço,
Vae muito além da nossa idade;
Mas, seja dito sem vaidade,
Sei muito mais do que tudo isso.

Tanto saber é, na verdade,
Improprio até da nossa idade.
A sala applaudiu
Delirantemente,
Beijos ganhei de toda gente
Que aos meus exames assistiu.



Passarinho imprudente

Num recanto de telhado
Um galante tico-tico
Com o trabalho do seu bico
Tinha o seu ninho formado.

Cheio de zelos e ciumes,
Eil-o, vaidoso e garrido,
Rondando o grupo querido
Dos seus filhotes implumes.

Rondando-o a todo momento,
O amoroso passarinho
Só se afastava do ninho
Para ir buscar alimento.

Porém, certa madrugada
De vento, de frio e bruma,
Precisando fazer uma
Viagem mais prolongada,

Recommendou com cautela
Aos pequenos tico-ticos
Que não puzessem os bicos
Para fóra da janella.

(Cautelas, ordens, carinhos,
São coisa que logo cança
A imprudencia da creança
E os nervos dos passarinhos...)

Um delles, menos prudente,
O mais crescido e mais alto,
Sae do seu canto, num salto,
Quando a mãe estava ausente.

Azas abertas, ligeiro,
Em movimentos de doudo
Correu o telhado todo
Para o seu vôo primeiro.

A manhã fresca tentou-o ;
Soprou-lhe as plumas a aragem ;
E num gesto de coragem
Se atira, desfere o vôo ..

Paira no ar, meio assustado,
Mal se equilibra e sustenta,
E numa queda violenta
Cae no chão, ensanguentado.

E morreu, o coitadinho,
Por não ouvir o conselho
Que o tico-tico mais velho
Lhe dera, ao deixar o ninho.

•



A boneca sensata

Estando a Eliza travessa
Com a bonequiinha na mão,
Alisando-lhe a cabeça
Com ar de reprehensão,

Disse-lhe, um pouco maguada:
« — Mas é impossível, que séca!
Trazer-te mais assejada,
Como outra qualquer boneca!

« Tua blusa encarnadilha,
Que te ficava tão bem,
Olha como está sujinha,
Que feias manchas que tem !

« A saia, as mangas... Que séca !
Estou devéras zangada.
Vou comprar outra boneca
Que seja mais assejada.

Mas a pobre bonequinha
Respondeu-lhe, e com razão :
« — Não posso, dona Elizinha,
Acceitar essa lição.

« Suja não gostas de ver-me,
Porisso fazes alarme ;
Posso eu, acaso, mexer-me ?
Posso a mim mesma lavar-me ?

« Se me vês suja, Elizinha,
Suja da cabeça ao pé,
A culpa emfim não é minha,
A culpa é tua, não é ?

« Se não fosses descuidada,
Não te causaria séca :
Seria tão assejada
Como outra qualquer boneca.»

*Todos somos assim feitos :
Nos outros, de quem falamos,
Quasi sempre censuramos
Os nossos proprios defeitos.*



Rosinha e o mendigo

Rosinha, de ar prazenteiro,
Na face uns tons de carmim,
Vae indo em passo ligeiro
A caminho do *Jardim*.

Nisto, um pobre, no caminho,
A' menina estende a mão,
Roto, descalço, velhinho,
Com uns olhos de compaixão.

Mas a boa da Rosinha
Nota que em casa esqueceu
A bonita carteirinha
Que sua mamã lhe deu.

Ella, que estava contente,
A magua já não contem.
(Só o máo é que não sente
Prazer de fazer bem.)

« — Como levo na cestinha
Um delicado jantar,
A metade, diz Rosinha,
Vou já ao velhinho dar. »

Ao pobre, então, que a abençoã,
Quasi tudo, tudo deu.
Como Rosinha foi boa!
Que bom coração o seu!



Utilidade da chuva

Emquanto a chuva cahia
Batendo contra a janella,
A' pequenina Arabella
A linda mamã dizia :

« — Esta chuva pertinaz,
Tão grossa, incommoda e espessa,
Talvez a ti te pareça
Que só prejuizos traz.

-
- « De facto, às vezes, atraza
De uma fôrma impertinente
O serviço dessa gente
Que vive fóra de casa.
- « Tu mesma estás a chorar,
Cheia de raiva e de queixa,
Porque a chuva não te deixa
Ir á rua passear.
- « Como a viva claridade
Do sol ardente, que brilha,
Esta chuva, minha filha,
Tem a mesma utilidade.
- « A's plantas, que, de calor,
Estão murchando, infelizes,
Ella dá pelas raizes
Vida, frescura e vigor.
- « Chove ha tres dias ; porisso,
Até onde o olhar se perde
O campo todo está verde,
E as plantas cheias de viço.

~ Tanto á chuva, que jorrou,
Como ao sol, que os campos doura,
A tudo a Mão creadora
Docemente abençoou. »



Dia de chuva

Sendo forte a chuva, um dia,
A pequenina Arabella,
Triste, atravez da janella,
De si para si dizia :

« E esta chuva continúa !
Para nada a chuva presta :
Quando chove, não ha festa,
A gente não sae á rua.

- « Cá por mim eu penso que erra
Quando diz a professora :
— Sem chuva não ha lavoura,
Nem ha vida sobre a terra.
- « Tolice ! Se tudo alaga,
Não ha quem não a reprove.
Eu acho que, quando chove,
Até a lavoura se estraga.
- « Chuvas!... Ou grossas ou finas,
Encharcam o fato todo,
Sujam as botas de lodo...
E eu só tenho estas botinas.
- « A chuva só palmatoria
Merece, para castigo.
Porisso é que eu sempre digo :
Com chuva não quero historia.
- « Entretanto, se é verdade,
Como a professora disse,
Que o chuva (mas que tolice !)
Tem alguma utilidade,

« E' porque, de vez em quando,
A gente enfim se consola,
Porque deixa de ir á escola
E fica em casa brincando. »



O tambor e a campainha

TAMBORE

Vinde brincar, ó creanças!
O silencio me incommoda.
Fazei depressa uma roda
P'ra começarem as danças.

Como está linda a manhã!
Eu quero risos em côro
Ao som do rufo sonoro:
Rata plan!

CAMPAINHA

Como vae bello este dia!
A campainha já veiu
Chamar-vos para o recreio,
Para as festas da alegria.

Vinde pois todas a mim!
A minha nota é suave
Como o trinado de um'ave.
Dlin, dlin!

TAMBOR

Atroando sempre os ares,
Na guerra ou na paz louçã,
Eu commando os militares:
Rata plan!

CAMPAINHA

E todos gostam de mim;
Encontram-me todo o dia
Disposta para a alegria:
Dlin, dlin!

TAMBOR

Todos se assustam commigo
Se o rebate de perigo
Dou logo pela manhã :
Rata plan !

CAMPAINHA

Alegre e sonoramente
Annuncio toda gente,
Trinando o signal, assim :
Dlin, dlin !

CAMPAINHA E TAMBOR

Pois vinde todas a mim :
Rata plan ! dlin, dlin !
Quer de noite ou de manhã :
Dlin, dlin ! rata plan !

Amiguinhas, hoje em dia
Não ha tristeza nem dor.
Campainha, viva a alegria !
Viva a alegria, tambor !
Vivamos em harmonia
E sempre em festas assim !
Rata plan ! dlin, dlin !

Visita de cerimonia

D. ANNA

(entrando em casa de D. Fifinha)

Dona Fifinha

D. FIFINHA

*(correndo a recebê-la, alegremente surpre-
hendida)*

Dona Anna !

Bons olhos a vejam ! viva !

Tem andado tão esquiiva !

Não a vejo ha uma semana.

(Indicando-lhe uma cadeira)

Sente-se. Primeiramente
Faço questão que me diga
Onde se metteu a amiga
Que não mais visita a gente

D. ANNA

(sentando-se)

Em casa, dona Fifinha ;
Bem sabe que sou caseira ;
Como estou sem cozinheira,
Sou eu que faço a cozinha.

E' uma coisa aborrecida
A comida feita fóra :
Vem pouca, não chega á hora,
E é sempre a mesma comida !

D. FIFINHA

E' sempre a mesma, e tão pouca !
Feijão, repolho, o cozido,
E o arroz tão mal escolhido
Que até nos cresce na bocca.

D. ANNA

E dia a dia peora !
Chego a perder o appetite
Só de pensar, acredite,
Nessas comidas de fóra.

D. FIFINHA

Nem camarão, nem garopa .
O *menu* é sempre o mesmo ;
O prato fino é o torresmo,
E que *lavagem*, a sopa !

D. ANNA

Nem me fale ! Fico afflicta
(E se é peccado, que peque !)
Só de enxergar o moleque
Que entra em casa com a marmitta

E o seu cozinheiro ?

D. FIFINHA

E' aquelle
Mesmo velho cozinheiro ;
Não o troco por dinheiro,
Vale ouro o serviço delle.

E' um gosto ver-lhe a cautela,
O fino cuidado, o esmero
Com que elle prova o tempero,
O sal de cada panella.

Nem máo humor nem quizilia
Quando nas horas se atraza.
E' uma pessoa da casa,
Já faz parte da familia.

Não digo seja um portento,
Mas tem habitos pacatos ;
Entende bem de alguns pratos,
Faz poucos, mas a contento.

D. ANNA

Como se chama ?

D. FIFINHA

Pimenta.
A edade não sei ao certo ;
E' velho, anda ahi por perto,
Pela casa dos sessenta...

Mas ainda forte. Homem franco,
Pessoa de muito brio .
Curioso : não tem um fio,
Um só de cabello branco.

D. ANNA

Ora, pouco importa a idade
Se é forte para a cozinha.
Gabe-se, dona Fifinha,
Da sua preciosidade.

D. FIFINHA

E' um bem que se não despreza ;
Não é cozinheiro, é ouro ;
O meu Pimenta é um thesouro
Que vale bem o que pesa.

D. ANNA

*«levantando-se para sahir, compondo a «toi-
lette»)*

Pois vou-me embora, ligeira ;
Já se faz tarde : permitta
Que dê por finda a visita.
Vou procurar cozinheira.

Já cozinho ha uma semana,
E estou farta da cozinha.

(Despedindo-se, risonha)

Passe bem, dona Fifinha.

D. FIFINHA

(apertando-lhe a mão e indo acompanhá-la até á porta)

Pois até logo, dona Anna.

(D. Anna ainda faz um gesto de cabeça e sae.)



Na ausencia da professora

(Desordem e rumor na sala, accusando a ausencia da professora. Alfredo levanta-se, corre pé ante pé até á porta entreaberta por onde a professora acaba de sahir. As demais creanças estão sentadas ás .suas carteiras, risonhas, alheias ao estudo. Algumas bocejam alto, cançadas. Só Joanninha, em pé, diante da lousa, muito estudiosa e applicada, continúa a fazer attentamente as suas contas.)

MARIO

(a Alfredo que, á porta, está de utalaia á chegada da professora)

Ella já se foi, Alfredo ?

ALFREDO

Ainda não. A professora
Alli está com uma senhora
Com quem conversa em segredo ;
Parece-me que a consola,
Tem ar de quem aconselha ;
A tal mulher é uma velha,
E' aquella que pede esmola.

A professora abraçou-a,
Abre agora a carteirinha
E a esmola dá á velhinha .
A professora é tão boa !

A velha, toda curvada,
E a professora, sorrindo,
Lá vão indo, lá vão indo .

(*Voltando-se para a classe e annunciando,
numa pirueta :*)

Toca a brincar, creançada !

MARIO

Não façam rumor, cuidado!

ALFREDO

Agora já póde a gente
Respirar mais livremente.
Ufa! que estava cansado!

JOANNINHA

*(que esteve fazendo as suas contas, em pé
deante da lousa, contrariada com o ba-
rulho)*

Bonito! que tal a graça?
Já nem sei a quanto monta
A somma total da conta..

(Voltando-se para a lousa, resignadamente)

Mas é preciso que a faça!

L.AURA

(para Eugenia, sua vizinha de carteira, provocando-a com o cotovelo :

Que menina mettediça

MARIO

(a Laura, alegremente)

Vamos brincar de theatro ?

JOANNINHA

(sempre preocupada com a conta)

Doze e doze, vinte e quatro,
E dois. Meu Deus, que preguiça!

Vamos então a sommar :
E dois, vinte e seis. Que séca!
Se estudo fosse boneca
Gostaria de estudar.

ANTONIA

Oh! tola, pois com certeza,
Sim, porque se o estudo fosse,
Por exemplo, um arroz doce
Que se come á sobremeza,

Eu cá, de muito bom grado,
A' hora certa e todo dia
A' escola, prompta, viria,
P'ra ganhar o meu bocado.

LAURA

Eu cá comeria tudo.

EUGENIA

Eu tambem. porém se fosse
O estudo feito de doce,
Porque não gosto de estudo.

ALFREDO

(que pela porta observa que a professora se aproxima.)

Foi-se a velhinha, sorrindo,
Com o corpo todo curvado.
Agora tomem cuidado
Que a professora vem vindo.

(para Joanninha)

Joanninha, termina a conta!

JOANNINHA

(sempre séria, traçando os algarismos na lousa)

Que venha, porque eu não brinco.
Dois e dois, quatro; e dois, cinco.
A somma está feita e prompta.



As duas bonecas

(O caixeiro da loja acaba de collocar ao centro da vitrine duas bonecas, uma de cera, dessas que fecham os olhos, vestida de uma camisola de seda enfeitada de fitinhas vermelhas, e outra de louça branca, quasi nua na sua camisola de chita ordinaria.)

A BONECA DE LOUÇA

*(olhando para a outra, com a humildade das
pessoas inferiores)*

Bons dias, dona Innocencia,
Bons dias, fale com a gente
Venhô aqui especialmente
Perante vossa excellencia,

Para que hoje emfim me diga,
Me confesse com franqueza
Porque é que assim me despreza?
Que mal lhe fiz, minha amiga?

A BONECA DE CERA

*(desdenhosa, com os olhos muito arregalados
olhando para a rua, sem se dignar vi-
rar-se para a sua companheira de vi-
trine)*

Nenhum.

A BONECA DE LOUÇA

Nenhum ?

A BONECA DE CERA

Demais, acho,
Minha querida collega,
Que nenhum mal a nós chega
Quando elle vem tão de baixo ..

A BONECA DE LOUÇA

Não sei o que quer dizer,
Não lhe percebo o sentido ..

A BONECA DE CERA

Se não ouves, limpa o ouvido
Para melhor entender.

A BONECA DE LOUÇA

Não quero causar-lhe séca,
Nem quero que se amofine,
Mas bem sabe que em *vitrine*
Não se põe suja a boneca.

A senhora me maltrata
Com seu orgulho de moça,
Porque sou feita de louça .

A BONEÇA DE CERA

Feita de louça barata.

Genero de pouco peso,
Artigo que vale nada . .
Ahi tens agora explicada
A razão do meu desprezo.

Compare os laços vermelhos
Que me fazem tão bonita
Com a camisola de chita
Que mal te cobre os joelhos.

Não valho só pelos laços
Que tenho na camisola ;
Repara : eu mexo com os braços
Porque sou feita de mola.

Uso cabelo postiço,
Fecho os olhos e adormeço;
Só as bonecas de preço
E' que sabem fazer isso.

A industria elegante e nobre
Que na Europa nos fabrica
Nos destina á gente rica.
Somos a inveja do pobre.

Tu és o typo, tal qual,
Da boneca baratinha,
Industria reles, mesquinha,
De fabrico nacional,

Genero de pouco peso,
Artigo que vale nada . . .
Ahi tens agora explicada
A causa do meu desprezo.



OS HYMNOS

A. Infantil

11

I

Hymno ao Estudo

Estudae, estudae. Com o estudo
Os prazeres mais bellos e sãos,
Paz e amor, ouro e glorias e tudo
Vós tereis ao alcance das mãos.

Estudae, pois o estudo é uma força
Sem a qual não se pode vencer;
Estudae; quem no estudo se esforça
Ha de os fructos da gloria colher.

*Essa flor, que val mais que um thesouro,
O saber, cultivae com amor :
Pois sem elle, que luz tem o ouro ?
O ouro perde o seu proprio valor.*

Quem estuda não teme os escolhos,
Que o saber a bom porto conduz ;
Quem na vida ao saber fecha os olhos,
Não tem olhos tambem para a luz.

Quem na escola a cartilha amarrota
E, sorrindo, desdenha o saber,
Só espera na vida a derrota,
Pois na infancia não quiz aprender.

*Essa flor, que val mais que um thesouro,
O saber, cultivae com amor :
Pois sem elle, que luz tem o ouro ?
O ouro perde o seu proprio valor.*

Abençoe esse bem que deleita,
O minuto em que vós estudaes,
Que esse instante que o estudo aproveita
Não se esquece na vida jamais.

A ignorancia no mundo campeia
E erros só são os fructos que dá ;
A ignorancia é a cegueira da idéa,
Que é a peor das cegueiras que ha.

*Essa flor, que val mais que um thesouro,
O saber, cultivae com amor :
etc., etc.*



II

Hymno á Escola

Sobranceiros, alheios a tudo,
O prazer, a alegria no olhar,
Sobraçando os compendios de estudo,
Ide, filhos, á escola estudar.

Em caminho, ao rumor, ao barulho
Da cidade não deis attenção,
Occupada sómente com o orgulho
De levardes sabida a lição.

*Vinde á escola, pois ella é uma escada
Que ao fastigio da gloria conduz ;
Se entraes nella com a ideia apagada,
Sahis della com um facho de luz.*

P'ra a victoria da luta futura,
P'ra as conquistas emfim do porvir,
Sé a escola é que ensina a segura
Direcção que se deve seguir.

Dae á escola a porção de carinho
E a de amor que vossa alma contem :
Os que seguem da escola o caminho
Seguirão o caminho do Bem.

*Vinde á escola, pois ella é uma escada
Que ao fastigio da gloria conduz ;
Se entraes nella com a ideia apagada,
Sahis della com um facho de luz.*

A' ignorancia que pede uma esmola
A riqueza lhe dá do saber ;
Tem as portas abertas a escola :
Entre a escola quem quer aprender.

Pobre ou rico, na mesma alegria
Reunidos aqui, dão-se as mãos
Emfim todos, em franca harmonia,
Em sincera egualdade de irmãos.

*Vinde á escola, pois ella é uma escada
Que ao fastigio da gloria conduz ;
etc., etc.*



III

Hymno ao Trabalho

Trabalhae, não visando que a gloria
O renome vos doure, senão
Para o ganho tambem da victoria
Na esforçada conquista do pão.

Caminhae, porque tudo caminha,
Ide avante com o vosso dever ;
Sem esforço, a victoria é mesquinha ;
Se mesquinha, que vale vencer ?

*Se almejaes um pousado futuro,
Trabalhae; é mister trabalhar.
Pão honesto, apezar de ser duro,
E' o mais duro dos pães a ganhar.*

Obediencia, attenção, disciplina,
Em partilha o pesádo labor
E' o que vêdes em cada officina,
E o operario banhado em suor.

Sem trabalho tenaz não se alcança
O repouso que delle provem ;
Do trabalho é que brota a esperanza,
Que é a ventura maior que se tem.

*Se almejaes um pousado futuro,
Trabalhae ; é mister trabalhar.
Pão honesto, apezar de ser duro,
E' o mais duro dos pães a ganhar.*

Afastae-vos de quem se recusa
Com o trabalho a ganhar o seu pão :
Que ha mais bello que a nodoa da bluzza ?
Mais tocante que o callo da mão ?

Trabalhar seja a vossa conducta,
E sem perda de dia nenhum,
Pois o mundo é officina em que a luta,
O trabalho é a partilha commum.

*Se almejaes um pousado futuro,
Trabalhae ; é mister trabalhar.
etc., etc.*



IV

Hymno á Patria

Patrio Céu, amplitude tranquilla
De brilhante celagem azul,
Céu da Patria, onde fulge e scintilla
Toda noite o Cruzeiro do Sul,

Céu azul, onde a nuvem, que passa,
Coando a luz do luar, como um véo,
Córa e ri toda cheia de graça...
Patrio Céu, gloria a ti, Patrio Céu!

*A esta Terra, onde o engenho divino
Exgottou seu poder creador,
Brazileiros, cantemos um hymno,
Hymno feito de gloria e de amor.*

Terra ideal, de extensões infinitas,
Cheia de ouro e de amor, Terra ideal,
Que, amorosa e captiva, palpitas
A's caricias de um sol tropical,

Patria amada, onde a luz tanto brilha,
Esplendores são tantos os teus,
Que tu és a maior maravilha
Das que existem creadas por Deus.

*A esta Terra, onde o engenho divino
Exgottou seu poder creador,
Brazileiros, cantemos um hymno,
Hymno feito de gloria e de amor.*



Patria amada, tão prodiga e rica,
E de quem nenhum filho descrê,
Patria amavel, a quem se dedica
Todo aquelle que um dia te vê,

Se ao teu brilho se juntam mais brilhos,
Como a um sol vem juntar-se mais sóes,
Agradece-o tambem aos teus filhos
Pelo affecto tornados heróes.

*A esta Terra, onde o engenho divino
Exgottou seu poder creador,
ete., etc.*



INDICE

	pgs.
Prefacio	7
O ninho do beija-flor	11
A aranha e a mosca	14
O garoto e o mestre-escola	19
Crueldade de Joãozinho	22
O relógio	25
Professora e discipulo	27
Voz dos animaes	30
O meu retrato	35
Horas melhores	37
A bella Corina	38
A menina feia	41

INDICE


	pags
Caridade	43
O patinho	46
A boneca de Paulina	47
O pão	50
Infancia e velhice	53
Exame escolar	55
A filha do carpinteiro	59
Berceuse da boneca	61
O presente de Mario	63
O guloso	68
O dedinho de mamãe	70
Mimi	72
Bichano	78
O gallo	81
Ociosidade.	84
Irmã Cecilia	85
Aspirações	87
O ebrio	89
Joãosinho o medroso	91
Visita massadora	94
Cinco annos	102
Deus	104
No circo de cavallinhos	106
O relógio da torre	110
Manhã de inverno	114

INDICE

	paga.
Paula	116
Primavera	118
As duas sabias	120
Passarinho imprudente	126
A boneca sensata	129
Rosinha e o mendigo	132
Utilidade da chuva	134
Dia de chuva	137
O tambor e a campainha	140
Visita de cerimonia	143
Na ausencia da professora	149
As duas bonecas	155

HYMNOS

Hymno ao Estudo	163
Hymno á Escola.	166
Hymno ao Trabalho	169
Hymno á Patria	172



Bibliotheca da Juventude

LIVROS PARA FESTAS

Albuns para premios, historias
contos etc.

Brasil nas Escolas Leituras progressivas, pelo professor Lindolpho Pombo, obra premiada com medalha de prata no Exposição Nacional de 1908. 1 volume, ornado de numerosas gravuras 3\$000

Aventuras Maravilhosas do Barão de Munkausen — 1 vol. com gravuras, br. 500

Sete Corvos ou o Coração de Irmã, contos para criança, 1 vol. com gravuras, br. 500

Pequeno Pollegar — Historia do menino endiabrado, 1 vol. com estampas 500

Os Tres Irmãos — Interessante conto para crianças ornado de gravuras, 1 vol. br. 500

Arithmetica da Infancia ou arte de contar e calcular sobre numeros inteiros e fracções, comprehendendo o systema metrico decimal por F. J. Ribeiro Junior, 1 vol. br. 500

Historias da Carochinha Interessante livro de Contos para 1\$000
Crianças pelos Irmãos Grim. 1 vol. brochado pelo correio 1\$500

A nossa collecção de albuns para creanças foi enriquecida com esta traducção. A obra de Foë não carece de ser recommendada, e pelo que toca à parte illustrada os nomes dos dois artistas Grandville e Nehlig são prova sufficiente da sua perfeição. 1 vol. in-folio, cart. 4\$, dourado. 6.000

Dom Quixote de la Mancha. — Album illustrado para crianças. Resumo da grande obra de Cervantes. Desenhos de Jules David.

Eis ahi uma das mais lindas, historias para crianças cuja leitura desperta a attenção, pelas peripecias do famoso fidalgo D. Quixotte e do seu fiel companheiro, o não menos famoso Sancho Pança.

1 vol. in-folio, ricamente impresso em excellente papel e ornado com primorosas gravuras, cart, 4.000, dourado. 6000

O dirigivel caça-moscas. № 1 Album illustrado para crianças, por O' Galop.

Este interessante Album um dos melhores da collecção, prende extraordinariamente a attenção das crianças pelo seu estylo pelas innumeradas gravuras.

1 vol. in-folio, artisticamente cartonado. 3.000

Os amores do Sr. Jacarandá. — Album illustrado para crianças. 1 vol. oblongo, ricamente enc. 5.000

ALPHABETO DOS ANIMAES — 1 vol, cart. 2.000
enc. perc. dourada 3.000

ALPHABETO DAS AVES — 1 vol. cart. 2.000
enc. perc. dourada. 3.000

JOGOS DA INFANCIA — 1 vol. cart. 2.000
enc. perc. dourada. 3.000

Livraria Magalhães

“Paradoxos,, por Max Nordan. Trad. de M. C. da Rocha 2.a edição 1 vol. 361 pags. in 8.o enc. em perc. 6.000

O nome de Benjamin Rabier é o melhor reclamo que podemos fazer do Album «O fundo do Sacco» que acaba de ser traduzido em lingua vernacula e se acha á venda na nossa livraria.

O favoravel acolhimento que teve este livrinho em francez, induziu-nos a mandal-o traduzir para o portuguez, cuja edição esta caprichosamente feita e será um regalo para a meninada.

«O livro dos estudantes da lingua franceza» trad. do francez para portuguez. 2.a edição. 1 v. 384 pags. enc. 4.000



A' venda na **Livraria Magalhães**

Rua da Quitanda, 5 - a

FILIAL:

Rua Julio Cesar, 59- Rio de Janeiro

Contos da Avosinha ou contos nacionaes para creanças publicados sob a direcção de F. Adolpho Coelho. 1 vol. nitid. impresso 2\$000

Historias da Raposinha Contos para a infancia colleccionados por W. Magalhães. Contendo: A Corcundinha, Reino dos sonhos, A Moura Torto, Maria Borrallheira, Pápagaiio de Limo Verde, Sapa Casada, Cova da linda Flor, Pinto Pellado e muitas outras historias interessantes. 1 vol. nitidamente impresso 2\$500

Historia de Carlos Magno resumida propria para creanças. 1 volume \$500

O Tucano filho legitimo do Picapáu quizenario fallecido para creanças. Este interessante volume cheio de gravuras e contos interessantissimos para creanças de ambos os sexos, vol. com muitas gravuras coloridas 3\$000

Contos religiosos por L. N. Fagundes Varella e Ernestina Fagundes Varella. 1 vol. 61 pags. enc. perc. titulo na pasta 3\$000

Eustachio primeiros episodio dos primeiros tempos do Christianismo, seguido do contos moral "A Familia Christã, 1 vol. 137 pags. cart. 2\$000

O primeiro livro Album de licções de coisas para creanças com estampas coloridas 1 vol. cart. 4\$000

Segundo livro de figuras para o ensino intuitivo das crianças, com texto estampas coloridas. 1 vol. form. album 4\$000

Aladdin ou a Lampado Maravilhosa, romance para creanças. Estampas coloridas, 1 vol. cart. 3\$000

O alforge do contador com contos escolhidos trad. do francez. 1 vol. ill. com estampas coloridas 222 pags. enc. titulo na pasta e fs. doiradas 4\$000

As provocações ao pequeno Henrique romance para crianças. 1 volume illustrado com uma linda cartonagem 1\$000

Os habitantes do ar Leitura para creanças. 1 vol. ill. com uma linda cartonagem 1\$000

Legendas para os meninos Contendo: O
 historia de Griseldis e o bom rei Dagoberto, por Paulo Boiteau.
 Trad. de Camara Bittencourt. 1 vol. 183 pag. com muitas grav.
 art. 2.000

A familia Briançon Ou o campo, a fabrica e a her-
 dade por Lourenço de Jussien.
 vol. 234 pags. enc. perc. fls. doiradas e titulos na pasta 4.000

Patria! Livro da mocidade, por Alfredo Varella. 1 vol. 235
 pags. cart. 3.000

O Canario Conto moral pelo conego Schmidt. 1 vol.
 com uma gr. cart. 1.000

Theophilo ou Joven Eremita Pelo conego Sch-
 midt. 1 vol. 152 pags. enc. perc. fls. doiradas e tit. na pasta 4.000

**Aventuras maravilhosas do incom-
 paravel cavalleiro Huol** Por Christovão Wieland
 com magnificas grav.
 em aço. 1 vol. 380 pags. perc. enc. fls. doir. e tit. na pasta 4.000

Galeria pittoresca Contendo 240 retratos e bio-
 graphias de heroes, imperado-
 res, reis, sabios, oradores, poetas, pintores, fundadores de religiões,
 estadistas, guerreiros e philospos, pelo dr. J. Ph. Anstert. Nova
 edição corrigida e augmentada com 40 retratos e biographias de
 vultos celebres no Brazil. Pelo prof. R. Villas-Lobos. 1 vol. 362 pags.
 edição de luxo, capa de percalina e oiro. 10.000

**Legado de um mestre aos discipu-
 los** Contos moraes, deveres das moças e algumas poesias em
 francez, por Casimiro Lieutand. 1 vol. 60 pags. cart. 1.000

Mil e uma noites Contos selectos redigidos para
 a mocidade brasileiras, 1 vol.
 com 6 Chromos-lithographias e vinhetas, ricamente enc. 8.000

Dom Quixote de la Mancha Redigido
 para a moci-
 dade brasileira, 1 vol. em 4.º com 5 magnificas estampas colori-
 das, 1 vol. enc. 3.000

Aventuras Maravilhosas do celeberrimo Barão Munkausen Fiel narrativa das ex-
 traordinarias aventu-
 ras admiraveis daquelle narrador immortal. 1 vol. em 4.º com 5
 magnificas estampas coloridas. 3.000

Viagem de Gulliver A terra do povo pequeno,
1 vol. em 4.º com magni-
ficas estampas coloridas 3.000

Viagem de Gulliver Ao Paiz dos Gigantes,
vol. enc. com magníficas
gravuras coloridas, 1 vol. enc. 3.000

João Felpudo Historias alegres para crianças travessas
com ricas pinturas exquisites, 1 vol. il-
lustrados 4.000

O menino verde O menino verde contendo alem
do Paulista em viagem as histo-
rias alegres Candinho o suja paredes — Diogo o lambe-pratos, 1
vol. enc. com lindas gravuras coloridas 4.000

Contos para meus discipulos Por Char-
les W
Armstrong, contadas aos seus discipulos no Gymnasio Anglo-Bra-
zileiro, 1 vol. enc. illustrado 3.000

Nininha A boa cozinheira de bonecas por Carmen Freire, 1
vol. enc. 3.000

«Principe de Mahmud e suas aventuras», conto
interessantissimo extrahido das «Mil e uma noites», 1
volume com estampa, 1\$000.

«Ali-Babá e os quarenta salteadores», conto arabe
das «Mil e uma noites», ornado de retrato, 1\$000.

«Principe Achmet e a fada Paribatu», seguido
das viagens do Corcunda Morto, contos interessantis-
simos acompanhados do retrato do Principe, 1 vol. 1\$.

LYRA INFANTIL — A mais interessante col-
lecção de dialogos, poesias dramaticas, cançonetas,
monologos e comedias que até hoje se tem organi-
zado para creanças de 9 a 12 annos.

Um volume com muitos trabalhos e muitas
vinhetas e illustrações, 2.000; pelo correio 2.500.

MANUAL
DO
FABRICANTE
DE LICORES
E BEBIDAS MODERNAS



SOC. AN. ED. "LIVRO"

S.

9

10

11

4

o
n

lec
mon
zado
Um
vinhetas

R.

BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).